

TRIBUTO A MAZZAN

Carlos Walter Porto-Gonçalves (*)

Há combinações raras entre o pensamento acadêmico de qualidade e o saber popular. Aliás, para aquela/es que praticam um verdadeiro diálogo de saberes, essa distinção é sentida como parte da cisão da tradição de conhecimento, que desafortunadamente está bem enraizada nas sociedades de classes, onde a distinção entre os que sabem e os que não sabem é instituinte. Faz parte da conformação do lugar que cada um ocupa nas relações sociais e de poder não só a apropriação/propriedade dos meios de produção materiais, mas também dos imateriais, como o conhecimento. Um verdadeiro processo emancipatório não se dará efetivamente enquanto se continuar acreditando que “a consciência vem de fora”, frase repetida por Lênin e por leninistas incultos, mas, de fato, de autoria de Karl Kautsky, ou que “sem teoria revolucionária não há revolução”, o que nos coloca o desafio de saber onde a teoria é produzida, se de fora ou no interior do mundo da vida/das lutas sociais. Nessas formulações, infelizmente repetidas *ad nauseam* por pretensos revolucionários, há um profundo desrespeito pela cultura popular e, até mesmo, na capacidade dos povos se libertarem por si mesmos. No legado teórico-político de Humberto Maturana e Francisco Varela, Paulo Freire, Simon Rodrigues, Orlando Fals Borda, Edward Thompson e James Scott o conhecimento está inscrito na vida, pois não há vida sem conhecimento. Marx também enriqueceria essa lista, pois epistemologicamente partia do sensualismo de Etienne Condillac (1715-1780). Enfim, todo ser vivo tem poros, aberturas, através dos quais vivem sua incompletude e se relacionam/comunicam com o mundo: através do nariz, respiramos o ar que não temos e necessitamos e sentimos o cheiro que nos atrai para degustarmos ou repelirmos; pela boca, ingerimos o alimento para saciar a fome e beber a água saciando a sede; pelos ouvidos, o som que nos alerta e nos atrai; pelos olhos também nos orientamos; pela vagina/pênis urinamos e amamos, nascemos. Enfim, como diz o ditado popular quem não é inteligente é “tapado”, ou seja, é o que não tem abertura, poros, para se abrir ao mundo da vida. Pelo tato/contato sentimos/sabemos algo poroso, líquido, arenoso, volátil ... Pelo tato/contato da língua sabemos o sabor salgado, doce, azedo, acre ... Saberes/sabores, savoir/saveur, saporis/sapore. Enfim, há saber no sabor, aliás, como a cozinha de toda e cada

cultura registra com seus ingredientes/temperos, pois é ali, na cozinha, onde o cru é transformado em cozido, a natureza em cultura.

Tudo isso invoco em nome de Carlos Eduardo Mazzetto Silva, o Mazzan, essa combinação rara de agrônomo que buscou a geografia para saber melhor articular escalas. Sabia como poucos, mergulhar no fundo do vale e sabia que a rica vida/conhecimento que se tece num tato/contato com a terra, muitas vezes ou quase sempre, se inviabiliza pelo que se passa em outras escalas de poder com as quais aqueles mundos estão ligados voluntária ou involuntariamente. Sabia, como nos ensinava o mestre Azis Ab'Saber, que também se foi em 2012, que “o geógrafo é aquele que olha pro barranco e para o planeta ao mesmo tempo”.

Quis o destino que Mazzetto Silva tenha nascido em Ribeirão Preto, berço do agronegócio brasileiro, e estudado em Viçosa, uma das mais prestigiosas universidades brasileiras criada pelas conservadoras classes oligárquicas mineiras. Ali, nos inícios dos anos 1980, protagoniza junto com os estudantes de agronomia um dos mais importantes movimentos sociais, à época lutando pelo que se denominava agricultura alternativa e que vai desembocar em todo o movimento atual em torno da agroecologia. É um dos principais responsáveis pela bandeira de uma reforma agrária agroecológica, e sabia que a reforma agrária não é uma questão só de economia, mas também de democracia, pois sua função é democratizar o poder que se funda em nossa América na concentração da terra. Sabia que há um acervo de conhecimento, um verdadeiro patrimônio de saberes/fazeres do mundo dos camponeses, dos quilombolas, dos povos indígenas com os quais aprendeu/ensinou/dialogou e que uma reforma agrária verdadeira deve saber valorizar valorizando seus portadores. Daí sua dedicação à luta não só por terra, mas também por território, conceito que soube alargar o sentido através da compreensão das territorialidades e do seu caráter processual, enfim, que o território se forja, sempre, através de tensões territoriais.

Sua tese *Os Cerrados e a sustentabilidade: territorialidades em tensão* (2006) coroa da melhor maneira possível sua trajetória teórico-política iniciada ainda como estudante de agronomia em defesa dos cerrados através dos seus povos. Sua tese de doutorado foi construída ao longo de uma investigação ampla do ponto de vista acadêmico, mas impossível de ser feita não fosse as muitas viagens junto aos povos dos cerrados – a Minas Gerais, a Goiás, a São Paulo, a Mato Grosso do Sul, a Mato Grosso, à Bahia, ao Tocantins, ao Piauí e ao Maranhão – quando da construção da Aliança dos Povos dos Cerrados. Mazzan foi pioneiro na denúncia científica, fortemente apoiada no conhecimento camponês, quilombola e dos

povos indígenas dos cerrados, dos males que o agronegócio está fazendo a esse que é um dos biomas mais ricos do mundo em biodiversidade. Do ponto de vista científico defendia que o cerrado não corresponde somente a 24% do território brasileiro, mas a 36%, pois está em tensão ecológica (ecótonos) com a floresta amazônica, com a caatinga, com a Mata Atlântica, com a Mata de Araucária e que tem sua maior complexidade no Pantanal Matogrossense e, mais, que nesses 12% de área de tensão ecológica onde os cerrados estão presentes, a complexidade é ainda maior e, por isso, os conhecimentos dos povos indígenas, dos camponeses e dos quilombolas - conhecimento de detalhe - é fundamental para sua conservação e, por isso, essas áreas deveriam ser prioridade em uma política séria de conservação, de modo complexo incorporando o notório saber desses povos nessa política. Nesse sentido, Mazzetto Silva dá continuidade à tese de Chico Mendes que dissera que “não há defesa da floresta sem os povos da floresta” desdobrando-se para o cerrado: “Não há defesa do cerrado sem os povos do cerrado”, aliás, um princípio universalizável como “não há defesa da natureza sem os conhecimento milenar que os povos produziram com ela”.

Fazer a defesa do cerrado nos inícios dos anos 1980 não era fácil. O *agrobusiness* avançava sobre ele com o aval da ditadura sob o falacioso argumento que o uso do cerrado pouparia a Amazônia da devastação, conforme foi defendido por cientistas bem considerados por seus pares. Mazzetto Silva com um conhecimento agrônomo fortemente ancorado no conhecimento local e nos conhecimentos dos que habitavam os locais, foi buscar ainda na literatura de Guimarães Rosa, que havia aprendido com os *Manoelzões dos Gerais*, que o cerrado é uma “caixa d’água, nos abrindo os olhos para ver que as duas unidades da paisagem dos geraizeiros aparecem como título de uma das maiores obras de Rosa, no seu *Grande Sertão, Veredas*. O *Grande Sertão* é a chapada onde “o mundo carece de fecho” e o “coração fica à larga”, solto, onde se é livre. São gerais. E gerais quer dizer exatamente que é de todos, é geral. As *Veredas* são os fundos dos vales, onde se planta, onde se faz a casa. Que na unidade/diversidade vereda-chapada se faz a vida literalmente, concretamente. Que a chapada era área de recarga hídrica e, por isso, ali nascem rios como o Xingu, o Madeira, o Tapajós, os formadores do Paraguai e do Pantanal, o Parnaíba, o Paranaíba, o Jaguaribe, o São Francisco, o Doce, o Jequitinhonha, para ficarmos com os maiores, embora tenhamos aprendido com Eça de Queirós que não há rio maior e mais bonito que o que passa em minha aldeia. Que esses gerais, terras de todos em comum, foram privatizados/cercados nos últimos 30/40 anos por uma monocultura generalizada de soja/cana/eucalipto/algodão/milho/girassol que, tal como já

analisara Thomas Morus em sua Utopia e Marx em O Capital, foram cercados e, com isso, se amputou dos camponeses suas terras comuns e, com isso, seu empobrecimento, sua desterritorialização. Passaram a viver, como dizem, “encurralados no fundo dos vales”. Pivôs centrais em áreas de recarga hídrica estão desperdiçando água por evaporação que não vai mais para as veredas e, com isso, toda a cultura dos povos dos cerrados corre risco de extinção e, ali, r-existem, como o fizeram em Rio Pardo de Minas retomando as chapadas que lhes haviam sido tomadas nos anos 1970, área estudada por Mazzetto Silva em detalhes em sua tese doutoral. E não só há desequilíbrio hídrico entre as chapadas e as veredas, mas há muita poluição. Talvez o caso mais emblemático dessa dinâmica perversa seja dos índios Karajás, no Mato Grosso, cuja cosmogonia está baseada na crença de que suas origens está em Aruanã, deus que vem do fundo das águas e que, hoje, se vêem desorientados porque as águas estão poluídas e, sendo pescadores e homens povo do rio, e com a poluição dos seus deuses já não podem mais confiar nas águas que lhes dão sustento, lhes dão vida.

Mazzetto Silva nos abriu horizontes como esses. Sua vida é uma demonstração emblemática da dialética, pois tudo isso nos foi dado por um homem que veio do berço do latifúndio do *agrobusiness* e por uma universidade criada pela oligarquia mineira – Ribeirão Preto e Viçosa. E, dialeticamente, em sua vida protagonizou lutas e idéias por justiça social e ambiental onde o conhecimento científico e os conhecimentos produzidos nos vales, chapadas, serras, matas e campos por homens e mulheres comuns dialogavam em igualdade de condições, interculturalmente.

Para aquele/as que não tiveram a fortuna de conhecê-lo de perto, saibam que, além desse legado público, foi um homem que amou intensamente tudo que fazia, amou intensamente, como poucos homens que conheci, uma mulher, sua Beth, seus filhos e netos, seus amigos. Que sabia trabalhar com poesia e, com seu violão, completar os dias de trabalho cantando. Sem meias palavras, um homem raro.

(*) *Professor da Universidade Federal Fluminense, pesquisador do CNPq e do Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais - CLACSO. Orientador da Tese de Doutorado de Carlos Eduardo Mazzetto Silva defendida no Programa de Pós-Graduação em Ordenamento Territorial e Ambiental, Departamento de Geografia, Universidade Federal Fluminense. “Os Cerrados e a Sustentabilidade: territorialidades em tensão” Niterói/RJ. 2006, 292p.*